

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXVI Seminário de Iniciação Científica

**DIÁLOGO ENTRE SABERES: A IMPORTÂNCIA DO SABER AMBIENTAL  
INDÍGENA<sup>1</sup>**  
**DIALOGUE BETWEEN KNOWLEDGE: THE IMPORTANCE OF  
INDIGENOUS ENVIRONMENTAL KNOWLEDGE**

**Roberta Herter Da Silva<sup>2</sup>, Lucimery Dal Medico<sup>3</sup>, Valdir Pedde<sup>4</sup>, Renata  
Maciel<sup>5</sup>, João Batista Monteiro Camargo<sup>6</sup>, Norberto Kuhn Junior<sup>7</sup>**

<sup>1</sup> Trabalho realizado em disciplina do curso de doutoramento.

<sup>2</sup> Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade FEEVALE. Advogada.  
Contato: roberta.h.s\_@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade FEEVALE - Novo Hamburgo ? RS. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da URI Frederico Westphalen - RS. Arquiteta e Urbanista. Contato: arquitetalucy@gmail.com.

<sup>4</sup> Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor titular da Universidade FEEVALE. Contato: valpe@feevale.br

<sup>5</sup> Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade FEEVALE. Professora do curso de Direito da Fundação Educacional Machado de Assis ? FEMA. Contato: advogada.rmaciel@gmail.com

<sup>6</sup> Doutorando em Diversidade Social e Inclusão Social pela Universidade FEEVALE. Contato: camargojoao@hotmail.com

<sup>7</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008). Professor da Universidade FEEVALE. Contato: nkjunior@feevale.br

#### Introdução

Foi desenvolvido nesse estudo um diálogo (interlocução) entre o saber ambiental indígena Mbya-Guarani de uma aldeia no Rio Grande do Sul com o estudo de pensadores clássicos e contemporâneos acerca do saber ambiental. A pesquisa sugere que o saber ambiental Mbyá-Guarani desse grupo estudado trazem uma concepção de mundo sistêmica, que integra ambiente e cultura, onde estão conectadas todas as dimensões da constituição de uma sociedade, como economia, saúde, arte e educação, tendo como centro integrador a espiritualidade, em um modo de vida comunitário. Da mesma forma, a pesquisa sugere uma percepção indígena que correlaciona degradação ambiental e desvalorização cultural, bem como processos de recuperação ambiental e estratégias de fortalecimento cultural. Da mesma forma, muitos estudiosos da temática ambiental como Leff, Capra e Boff trazem em seus estudos aspectos que vão ao encontro do saber ambiental indígena e ocorre o diálogo entre os saberes indígenas tendo um ponto importante em comum: a manutenção da vida no planeta.

Palavras-chave: diálogo; saber ambiental; indígenas.

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXVI Seminário de Iniciação Científica

## Metodologia

O presente trabalho possui como metodologia a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, a partir do método etnográfico, constituído de observações participantes e escritas de diário de campo.

## Resultados e Discussão

### OS INDÍGENAS MBYA-GUARANI E O MEIO AMBIENTE

Tempass (2005) salienta que os Mbyá consideram-se guardiões da natureza, com seu modo de ser, em língua guarani denominado nhandereko, fundamentado em um respeito à diversidade. Segundo esse autor, para esse povo a sustentabilidade é, em grande parte, proveniente das matas, por meio de coletas de alimentos, alerta o autor que é retirado somente o necessário, com o corte na época em que as plantas brotam mais facilmente e o cuidado para que não haja esgotamento das espécies.

Para Maria da Glória Gohn (2010) os indígenas detêm saberes sobre a floresta, tanto da arquitetura de seu território, como de suas matas e animais, e possuem com a terra uma relação que não passa pela ideia de propriedade, é algo do mundo simbólico, do sagrado. Os povos tradicionais possuem um acordo ético em relação ao meio ambiente, conforme defende Carneiro da Cunha (2008) a importância em se preservar as culturas desses povos que se tornaram figuras-chave na conservação do planeta. Segundo a autora, os direitos que se reconhecem hoje a povos tradicionais em geral se fundamentam nos serviços ambientais que eles prestam, assim, ser povo tradicional é, no fundo, um contrato, um pacto de não agressão ao meio ambiente.

A Declaração RIO-92, estabelece no Princípio 22 que os povos indígenas e suas comunidades, assim como outras comunidades locais, desempenham um papel fundamental na ordenação do meio ambiente e no desenvolvimento devido a seus conhecimentos e práticas tradicionais. Também a Lei 9.985/00 - Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC trata das comunidades tradicionais como sendo fatores de preservação do meio ambiente nas Unidades de Conservação - UCs.

Ao longo da investigação muitas percepções dos indígenas Mbyá-Guarani de uma aldeia do interior do Rio Grande do Sul foram captadas por meio de depoimentos e relatos, que refletiram o entendimento desse grupo social sobre processos históricos de degradação ambiental, social e étnica, principalmente com relação às terras indígenas originárias que foram tomadas e degradadas ao longo do tempo.

Durante os relatos estiveram muito presentes as declarações dos indígenas Mbyá-Guarani sobre a importância das matas e a percepção da perda progressiva deste tipo de vegetação. Questionados acerca do significado e importância do meio ambiente, os indígenas da aldeia, enfatizaram, principalmente na fala do cacique, que o meio ambiente significa uma forma de sobreviver e mostrar a cultura, sendo assim representa muito e tem um valor importante para os indígenas. Na maioria das respostas foi possível perceber a importância da natureza e os efeitos perversos de sua falta.

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXVI Seminário de Iniciação Científica

É possível interpretar em suas falas que junto à presença de uma memória da história da degradação ambiental, existe forte preocupação com a situação ambiental atual das aldeias, a qual muitas vezes se manifesta de modo diretamente relacionado com a desvalorização da cultura Guarani. A degradação das áreas, o consumo de produtos industrializados, a produção de lixo, a falta de matas, sementes, água boa e terra pra plantar foram fatos citados pelos indígenas como geradores de modificações culturais, o que para eles é diferente de perda. Compreendem que não estão perdendo a cultura, mas que estão se adaptando a realidade que se apresenta a eles.

Os indígenas frisaram acerca da importância de ensinar aos mais jovens para “não desmatar, não estragar os rios, pois os indígenas querem reflorestar os matos que foram destruídos”. Referem acerca da importância da educação ambiental para “as crianças não tratar mal os bichos e a natureza”.

Foi nítido o grande reconhecimento da importância dos elementos naturais, como a mata, as plantas, os animais, a água e a terra, em sua relação com aspectos culturais e necessidades humanas nos depoimentos dos indígenas, mas também em uma visão de conexão espiritual e de integração entre todos os seres e elementos da natureza.

É possível sugerir que os Mbyá-Guarani utilizam a mitologia como método de aprendizado, isso porque, por estar relacionada com elementos da natureza a criança obtém a certeza de que existe realmente. Desse modo, o mito, tem o efeito de aumentar o sentido de pertencer a uma cultura, a uma natureza, a um ecossistema. Por outro lado, também é história e cultura, promove a autoestima e a valorização dos saberes ancestrais que também promove esse sentido de pertencer.

De acordo com os depoimentos do cacique, em muitos mitos um humano se torna animal e o animal se torna humano, formando um elo de parentesco entre certos animais e plantas, fazendo parte do meio que dividem. Essa cosmovisão é, provavelmente, fruto de uma profunda reflexão desta cultura que correlacionam milênios de coexistência e observação com elementos da natureza, buscando a troca contínua entre seres naturais e sobrenaturais, sendo passadas oralmente de geração em geração.

#### RELACIONANDO PERCEPÇÕES INDÍGENAS E DE ESTUDIOSOS NÃO-INDÍGENAS

Segundo Leff (2009 e p. 18) o saber ambiental reafirma o ser no tempo e o conhecer na história; estabelece-se em novas identidades e territórios de vida; reconhece o poder do saber e da vontade de poder como um querer saber. Segundo o autor, a racionalidade ambiental abre caminho para uma reerotização do mundo, transgredindo a ordem estabelecida, a qual impõe a proibição de ser. Segundo Leff, o saber ambiental “é uma inquietude do nunca sabido, que falta saber sobre o real, conhecimento que emerge do que ainda não é. Assim, o saber ambiental constrói novas realidades” (2009, p. 18).

A visão sistêmica e a interdependência entre todos os elementos e seres é foco da hipótese Gaia, de Lovelock (1987; 1990; 1991), utilizada em algumas perspectivas da educação ambiental contemporânea, com a proposta de compreensão do planeta como uma entidade fisiológica, um ser vivo sustentado e regulado ativamente e continuamente pela vida, de modo que a evolução das espécies e do seu ambiente estão estreitamente associadas, em um processo único e indivisível.

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXVI Seminário de Iniciação Científica

A relação entre meio ambiente, cosmologia e espiritualidade, a qual é extremamente presente na cultura Mbyá-Guarani da aldeia objeto de estudo, também tem sido trazida em algumas abordagens da educação ambiental, por meio de autores como Capra (2002), que se refere à experiência espiritual como uma vivência da unidade, em uma profunda percepção de pertencimento ao universo como um todo, transcendendo divisões entre a mente e o corpo e entre o eu e o mundo.

Capra (2006) aborda a visão sistêmica de um modo integrado à educação ambiental, se referindo à importância da aprendizagem dos princípios básicos que regem a vida, a alfabetização ecológica, para que possa ocorrer a formação de sociedades sustentáveis. Entre os princípios citados pelo autor estão a interdependência, a diversidade e os ciclos e fluxos, formando um equilíbrio dinâmico.

Outro autor que também se refere a essa relação é Boff (1995), para o qual reúne ciência, espiritualidade e poesia para apresentar essa visão de integração planetária. O autor se refere à ecologia mental, que parte da constatação de que a natureza não é exterior ao ser humano, mas interior, sob a forma de energias psíquicas, símbolos, arquétipos, sonhos e intuições que se manifestam nos tipos de práticas em relação ao ambiente. De acordo com Boff (1998), o ser humano é a própria Terra que alcança um estágio de consciência, amor e veneração do mistério sagrado da vida.

Conclusão:

O sistema de vida desse grupo social, com sua cultura peculiar, apresenta uma conjunção de saberes e de técnicas ecológicas e saudáveis de produção de alimentos, culinária, arquitetura, medicina, arte e confecção de artefatos. A percepção da relação entre saúde, economia, educação, arte e organização política remetem a uma concepção de mundo sistêmica, que integra o humano a todos os outros seres e elementos da natureza, unindo cultura e ambiente em um modo de vida comunitário, onde estão conectadas todas as dimensões da constituição de uma sociedade, tendo como centro integrador a espiritualidade, e possibilitando a manifestação do "ser por inteiro", ligando razão, emoção, intuição e ação.

Há uma necessidade contemporânea de desconstruções de padrões e de reconstruções, a partir de novas racionalidades, que reúnam diversas culturas, dimensões da sociedade e do ser humano, incluindo o sentimento, a afetividade e a profundidade. A cultura Mbyá-Guarani, com sua cosmovisão, seu modo de ser, seus valores, saberes e práticas, sua arte e sua pedagogia, apresenta pontos de encontro com muitos estudiosos da educação ambiental contemporânea, sendo capaz trazer aportes para este campo, no sentido de construções de abordagens, estratégias e métodos, tendo em vista a necessidade de processos renovadores para a civilização.

Referências

BOFF, Leonardo. . Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis:

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXVI Seminário de Iniciação Científica

Vozes, 1998.

CAPRA, Fritjof. Falando a linguagem da natureza: princípios da sustentabilidade. In: STONE, M. K.; BARLOW, Z. (Orgs.). Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável. Tradução de Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Entrevista com Manuela Carneiro da Cunha: Povos tradicionais tem um pacto com o meio ambiente. Instituto Sociedade, População e Natureza. 2008. Disponível em: <http://www.ispn.org.br/entrevista-com-manuela-carneiro-da-cunha/> Acesso em 8 de fev. de 2018.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos identitários e culturais: gênero, etnia, gerações. In: GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo. Petrópolis/RJ: Editora Vozes Ltda, 2010. P. 89-119.

LEFF, H. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. Educação e Realidade, 34(3): 17-24, set/dez 2009.

TEMPASS, Martín César. Orerémbiú: a relação das práticas alimentares e seus significados com a identidade étnica e a cosmologia Mbyá-Guarani. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.